



#todostemoshistórias



São histórias de pessoas vindas do país inteiro para lutarem pela sua vida e que, em muitos casos, não têm onde ficar. Os parques de estacionamento são frequentemente o albergue dos familiares que não têm como pagar um quarto para ficar nos longos meses de luta pela vida. É para eles que este ano tocamos. Porque #alutaedetodos. É por eles que todos temos de ir ao Campo Pequeno, contribuir para que a Casa Porto Seguro da APCL possa ser o lar longe de casa para estas pessoas.



Priscilla

A Priscilla tem 35 anos. A viagem pelo mundo do cancro começou quando tinha 30 anos. No dia em que falamos, a Priscilla já leva três meses de vida pós transplante, depois de uma recaída que tornou inevitável este passo, que, para quem já se debateu com esta doença, sabe que tem quase igual probabilidade de ser o princípio do fu...turo ou do fim. Quando estive internada perdi três amigos na sequência do transplante. Era uma coisa muito assustadora para mim”.

Quando ficou doente da primeira vez, as portas do olimpo profissional estavam abertas para a Priscilla, que era chef numa cozinha Michelin de Lisboa. Ritmo acelerado, a vida pela frente. Um dia ficou doente e a febre não passava. Acabada de se separar, no primeiro hospital onde foi, diagnosticaram-lhe uma depressão. “Encheu-me de medicamentos que eu nunca tomei”. Quando a febre não passou, regressou ao hospital. Era leucemia. Hoje, como tantos outros doentes com quem falámos, não tem dúvidas: “A família sofre mais do que o paciente. As pessoas dizem-me que sou corajosa, mas corajoso é alguém que tem uma opção. Quando não podemos escolher, que é que podemos fazer?”. Nunca desanimou. “Quando a médica me deu a notícia, eu tive a certeza muito forte que os meus pais não tinham trazido uma criança ao mundo para a enterrarem. A morte esteve sempre fora de hipótese para mim”.

Da segunda vez foi mais complicado, conta. “Fiquei sem casa a meio do tratamento, a minha

família a querer vir para cá acompanhar-me e eu em casa de amigos. Pedi por tudo para não virem, mas um dia acordei e a minha irmã estava ao meu lado”.

A vida de chef ficou para trás. Uma cozinha exige demais da Priscilla. “A primeira vez que recebi alta, a minha médica disse-me: Priscilla, não aceite ser discriminada. Eu nem percebi na altura. Depois percebi. Tive muita dificuldade em voltar ao mercado de trabalho e vim cedo demais. Depois recaí. Desta vez, quando o cancro voltou já não tive dúvidas: tenho de me dar tempo”. É isso que está a fazer agora, enquanto tenta regressar à faculdade, desta vez para se dedicar à História. Com muita calma. Toda a que precisa para regressar à vida.

Entradas e donativos em www.rocknlaw.pt

#lutacontraocancro #alutaedetodos #rocknlaw2018 #10anosrocknlaw